

FORMAÇÃO DE EQUIPE ESCOLAR

Prevenção não é um evento. É um clima.

Proteção, escuta e encaminhamento · Na Rota do Afeto

POR ONDE COMEÇA

A criança mais protegida não é a que decorou uma lista de regras.

- É a que tem certeza de que, se contar qualquer coisa, vai ser ouvida.
- Sem grito, sem castigo, sem julgamento.
- Essa certeza se constrói nas conversas pequenas do dia a dia.

Muito antes de qualquer coisa acontecer.

POR QUE NÃO USAMOS “NÃO FALE COM ESTRANHOS”

É a frase mais repetida e uma das que menos protege.

- Na maior parte dos casos, quem agride é alguém do convívio.
- Criança treinada só para temer o desconhecido fica desprotegida onde o risco é maior.
- E perde o recurso de pedir ajuda a um adulto desconhecido se estiver perdida.

Ensinamos a ler situações e sensações — não a temer pessoas.

Nenhum confirma nada sozinho.

- Mudança brusca de comportamento ou regressão de habilidades.
- Medo específico de uma pessoa, de um lugar ou de um horário.
- Alterações de sono e de apetite. Queda no rendimento.
- Recusa súbita de ficar sozinha com alguém.
- Conhecimento sexual incompatível com a idade.

Todos pedem observação e conversa. Nenhum pede interrogatório.

A PERGUNTA QUE CORTA

Isso é novo? Ou sempre foi assim?

- O que importa não é o comportamento em si. É a mudança da linha de base.
- Em criança neurodivergente, o sinal costuma virar “é do autismo”.
- E o erro simétrico também acontece: ler stim e ecolalia de sempre como trauma.

OS PRIMEIROS TRINTA SEGUNDOS

Se a criança contar alguma coisa.

- Mantenha o rosto calmo. Pânico é lido como “eu não devia ter contado”.
- acredite e diga que acredita.
- Tire a culpa explicitamente: “você não fez nada de errado”.
- Escute sem interromper. Deixe a criança usar as palavras dela.

A forma como o adulto reage determina se ela continua falando ou se vai se calar — às vezes por anos.

O QUE NÃO FAZER

Os erros mais comuns são bem-intencionados.

- Interrogar com perguntas repetidas, insistentes ou que sugiram a resposta.
- Pedir para repetir para várias pessoas da família ou da equipe.
- Confrontar o suspeito por conta própria.
- Prometer segredo.
- Duvidar porque a pessoa é conhecida, querida ou “acima de qualquer suspeita”.

COMO REGISTRAR

O registro que sustenta e o que fragiliza.

- Registre: data, horário, contexto, quem estava presente.
- Registre as palavras exatas da criança, entre aspas.
- Não registre conclusão sobre autoria.
- Não registre interpretação apresentada como fato.

Em vez de “demonstrou medo do padrasto”, escreva: “ao ser mencionado o nome X, saiu da mesa e foi para o canto da sala”.

PROTOCOLO

O que precisa existir antes do caso acontecer.

- Protocolo escrito e conhecido por toda a equipe.
- Quem aciona, quem comunica a família, em quanto tempo.
- Rede local mapeada antes de precisar dela.
- Comunicação ao Conselho Tutelar é dever legal — e não depende de certeza.

E POR FIM

Cuidar de quem cuida.

- Professor que acolhe esse tipo de relato carrega um peso real.
- Dividir com a coordenação não é exposição indevida.
- Equipe sem suporte adoecerá em silêncio.

Disque 100 · Conselho Tutelar · 190 em risco imediato · CREAS ·
narotadoafeto.netlify.app

